

# **1<sup>a</sup> Parte**

---

**Estudos**

# José Alcides Pinto e as Fúrias do Oráculo

*Juarez Leitão*

“Eu sou eu. Íntegro e inviolável dentro de mim mesmo.  
O que não se descobre.”

Estes versos de José Alcides Pinto definem o caráter de sua escritura marcada por essa unidade de encantamento e morbidez, extraída do barro úmido de sua alma onde florescem o exótico e o místico e pelo desafio desabusado que lança a quantos se arrisquem a decifrá-lo.

Ninguém sabe até que ponto o poeta estira o dilema psicológico que o possui e que usa genialmente em seu impulso criativo, mas se vê que assume claramente o conceito grego do predestinado, como um resolutivo criador de mundos, no desfile sombrio de sua solidão.

Assim esguio como uma pintura de Modigliani, vive do ofício de inventar na terra das insânias, dos condenados da paixão, dos filhos da dor e do medo. Suas histórias e cantigas armadas sobre o lado cinzento da vida se afirmam na densa maravilha da condição humana, em todas as suas ambigüidades e contradições.

Com a mesma espantosa profundidade José Alcides trata dos reflexos corriqueiros do cotidiano e dos grandes mistérios humanos. O confronto constante entre o real e o fantástico alimenta a peripécia de seus personagens, entre os quais ele figura como o mais estranho e singular protagonista.

A loucura em suas mãos se torna elemento natural. É o barro da louça ficcional que, moldado com desvelo e arte, transforma os que poderiam estar confinados como pesos-mortos em agentes principais da ordem e da desordem humana.

Trabalha com o processo da culpa e do remorso - essa sensação transfiguradora que costuma enredar o homem por labirintos soturnos e nos mergulhos do lodo - quando procura repartir o espólio da imensa dor eterna dos condenados.

Este livro, *Fúrias do Oráculo*, organizado e comentado por Floriano Martins, é um retrato do desempenho literário de José Alcides. Outros já se fizeram e certamente outros virão depois. É que estamos diante de um dos maiores escritores cearenses de todos os tempos. Um verdadeiro criador que escapou das areias movediças da fala banal para fincar os pés com segurança na grandeza intemporal. Seu texto é de altiva autoconsciência e obtém os resultados seguros de sua intenção.

É simples e original, não fruto da facilidade ornamental ou, por outro lado, do pedantismo da alta cultura dependente dos jargões de escolas e estilos de época. Tem uma *assinatura* e um *estilo pessoal*. Na maneira como se dá para as coisas, como cria, instala e se relaciona com seu mundo interior e com o que pode nos mostrar desse mundo. Alcides é uma marca, um ferro impresso em fogo na anca da História.

Vejam este livro e se ainda não o fizeram, descubram Zé Alcides. Ele é pleno em todas as dimensões. Lúdico ou taciturno, piedoso ou maldito, irresistivelmente arrebatado de paixão, lírico e sensual, sádico, terrível, demoníaco, embebedado de volúpia, produz retratos da vida que são realmente vividos e vitais, não essa coisa insípida e conceitual das abstrações sociológicas. Zé Alcides corta com mão hábil e afiada navalha a carne vermelha da vida, puxa as vísceras e enforca a moral judaico-cristã ocidental nas tripas do diabo.

Seus versos e seus romances debatem as rudes contradições da natureza humana, onde ele se alarga, generoso, na interpelação dos valores subjacentes, a euforia, o desejo, a dúvida e a contrafação da miséria, armando as teias interpostas de impossibilidades, sem apagar, porém, a eterna necessidade das promessas.

São constantes em sua obra os momentos em que, desamparado na dor e na saudade, resvala para a elegia, cumprindo o destino dos tristes no capricho dos absolutos e é aí que cresce, glosando com fina ironia a própria angústia, linha e pano de seus melhores momentos de criação.

Refratário aos mistérios e enigmas do encantado, em atração constante pelo mito, pela magia, pelo difuso, pela penumbra da inconsciência, possui a grande ciência do texto lírico, belo, inova-

dor e ousado. Travestido de compadre do diabo, é, entretanto, um romeiro devoto, capaz de fazer promessas e vestir o balandrau do Pobrezinho de Assis. Finge regar os caminhos de Satã para vencê-lo de tocaia e ganhar as graças de Deus.

Solitário e arredio às confrarias literárias, possui poucos e sinceros amigos. Mas é extremamente generoso com aqueles em que percebe a vocação para a literatura. Acredita nas novas gerações, investe às vezes em poetas titubeantes, com muita esperança e uma paciência de santo. Acredita. Seu orçamento onírico é infinito.

É um homem cheio de riquezas e muito pobre de bens. Nunca mediou barreiras ou calculou os custos de sua aventura individual. Sua única medida é o prazer do salto e a vertigem do voo. Constrói-se, como diz, na contradição de si mesmo. É um saltimbanco, um mágico manipulador de faíscas nesse arame esticado de inconstâncias.

Certa noite nos reuniu em sua casa da rua Rodrigues Júnior para inaugurar um piano. Um instrumento lindo, que havia comprado na Mesbla sem a menor condição de pagá-lo. Não importava a nós este detalhe medíocre; o piano estava ali, na sala do Zé Alcides e era um ícone, um totem, um símbolo solene da arte. Nenhum dos jovens e embebedados amigos de Alcides sabia tocar piano, mas todos passavam a mão no móvel preto e reluzente, como fazem os muçulmanos com a CAABA, a pedra negra do centro de Meca, para expiar os pecados. E voltamos daquela estranha noite leves, felizes e saciados de ternura e paz, e pelas ruas de nossa euforia cantávamos, bradávamos poemas sobre o piano do Zé Alcides. O piano, naturalmente, foi devolvido à loja: já cumprira sua missão.

A grandeza de Zé Alcides resulta de sua autenticidade. O poeta é verdadeiro quando reza ou até quando mente. Pôs-se diante da vida como rebelde porque conseguiu ser original, singular. Ivan Junqueira afirma que Alcides, tanto do ponto de vista estético, quanto do ângulo existencial, escolheu a transgressão como deusa e musa. Mas completa sua definição dizendo que o nosso poeta, a exemplo do louco de Chesterton, perdeu tudo, menos a razão.

Este é o homem e o literato que eu pude descobrir nesses anos de convivência e admiração. Um cearense, que, como Homero, conseguiu, com as lendas e mitos de seu povo, dar uma dimensão cósmica à sua arte.

Um cantador da ribeira do rio Acaraú que, arrebatado de paixão, nutriu-se dos valores essenciais de seu povo, abraçou e espalhou-se pelo chão do mundo, extraindo do tempo e do sonho as cordas sonoras de seu verde delírio.

Proferiu maldições (contra a incompetência dos presunçosos e a arrogância dos tiranos), nunca foi um MALDITO. E será para sempre BENDITO. BENDITO, LOUVADO SEJAS, POETA ZÉ ALCIDES. Bendito o ventre que te pariu.